



REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
RUA S. FRANCISCO, 15 e 17

PROPRIETARIO, DIRECTOR E EDITOR
Hilario Candido Barreiros d'Oliveira

COMPOSTO E IMPRESSO NA TIP. DO CENTRO DE NOVIDADES — R. D. ANTONIO BARROSO 151 A 140 — BARCELOS

ASSINATURAS:—Ano 1:200, pelo correio 1:400; semestre 600, pelo correio 700; trimestre 300, pelo correio 350. Avulso 30. Brasil e Africa 2:000.

AS FESTAS DAS CRUZES

Tem hoje a prioridade do lugar no nosso jornal, o programa das nossas festas de maio, que, como já dissemos no numero anterior, prometem ser grandiosas e brilhantes.

A digna comissão tem sido incansável na sua organização, pelo que não lhe regatearemos os nossos melhores louvores e os nossos sinceros aplausos de bons barcelenses e de grandes bairristas que nos presamos de ser, embora adotivos:

Programa

Dia 2 (terça feira): Ao romper da madrugada uma salva de tiros anunciará o começo das festas, percorrendo as musicas as principais ruas da vila e Barcelinhos.

Tomarão parte nas festas neste dia iniciadas quatro excelentes bandas, entre as quais as dos Bombeiros Voluntarios de Barcelos e Povo de Lanhoso, que tocarão durante algumas horas do dia, alternadamente, nos coretos em frente ao magestoso templo do Bom Jesus da Cruz.

A noite será inaugurada a linda *Feira Noturna*, a que concorrerão feirantes de diferentes partes do paiz e que pela variedade dos produtos expostos, pelas notas ruidosas das improvisadas musicas das barracas de variedades e pela concorrência que todos os anos costuma chamar, mostra bem os costumes, a alegria, a vida das feiras e festas minhotas.

Dia 3 (quarta-feira): *Feira franca*, a mais concorrida e mais importante feira do paiz, a qual é, ao mesmo tempo, uma viva demonstração da riqueza agricola do concelho.

Desde pela manhã as mesmas bandas de musica percorrerão as principais ruas da vila, tocando de tarde nos respectivos coretos. A's 11 horas da manhã *Luzida Festa Religiosa* no magestoso templo do Bom Jesus da Cruz, que este ano se realisa com desusada pompa.

Durante o dia estará exposta neste formoso templo, á veneração dos fieis, a riquíssima imagem do Senhor dos Passos que é, incontestavelmente, um primor d'arte.

Pregará o sermão, nesta festividade, um distincto orador sagrado.

Ao meio dia na pitoresca Cerca do Hospital realisar-se-á a abertura da importante *Exposição Pecuaria, Industrial e Agricola*, formoso certamen a que concorrem expositores de quasi todo o concelho e aos quais são conferidos numerosos premios em dinheiro. (Vide programa especial deste numero).

A noite, *Fantasticas Iluminações Minhotas*, de cuja confecção foram incumbidos, em despique, os melhores iluminadores de Barcelos. Milhares de lumes dispostos com arte, serão distribuidos pelas principais ruas.

Neste dia espera a illustre vereação municipal fazer a inauguração da iluminação electrica e, alem deste numero, enriquece-

rá ainda o festival da noite vistosas Fontes Luminosas e prejecções com holofotes.

Desturbrante fogo d'artificio será queimado pelo já consagrado artista Alberto Gomes da Costa, da Ponte da Barca.

Dia 4 (quinta-feira): Continuação do importante mercado anual, incontestavelmente o mais importante dos mercados do Minho.

Tocarão ainda neste dia as 4 afamadas musicas.

Na Cerca do Hospital continuará aberta a *Exposição Pecuaria, Industrial e Agricola*, sendo neste dia que o Juri conferirá os premios aos expositores.

Uma das bandas tocará algumas horas durante os dias em que a exposição esta aberta.

A noite (Clou das Festas) *Brilhante Festival no Rio Cavado*, o numero das Festas das Cruzes que nos ultimos anos mais entusiasmo tem despertado.

Milhares de lumes serão caprichosamente dispersos pelas margens do rio.

Desturbrantes Fogos Aquaticos.

O afamado fogueteiro de Viana do Castelo, Jose de Castro, queimará ao terminar o festival nocturno uma fantástica peça de fogo d'artificio, intitulada *Combate Naval*, a qual ainda ha pouco coasou o mais extraordinario successo numa festa de Hespanha.

O visitante não se arrependera dum passeio a Barcelos por esta ocasião, pois alem das belezas naturais da vila—que é um dos mais formosos canteiros deste jardim que é o Minho—terá ocasião de ver um interessante mercado, que pela sua importancia e variedade de produtos, é um verdadeiro mostruario da riqueza agricola do concelho, e apreciará as tradicionais festas, que são sem duvida as mais luzidas e mais concorridas do norte do paiz.

Barcelos tem excelentes hotéis e restaurantes e os seus preços costumam ser todos os anos regulados pela auctoridade administrativa, conforme tabela que nos mesmos está exposta.

A Comissão das Festas espera que a direcção do Caminho de Ferro conceda para a noite do ultimo dia das Festas comboios especiais para Viana, Porto e Braga, cujo horario oportunamente se tornará publico.

Musa do "Cavado,"

*São teus olhos doce cruz
A que o amor me condena;
Não os teve eguaes Jesus
No rosto da Madalena.*

*Quando em mim fitas sorrindo
O teu carinhoso olhar,
Julgo-me, pomba, dormindo,
E não desejo acordar.*

Qualquer individuo que saiba ler, sabe a mais difficil de todas as artes.

Ductos.

Ama-se a traição, mas odeia-se o traidor.

LITTERATURA

A caveira da suicida

O comendador Floriano tinha 50 anos presumiveis, posto parecesse ter menos, era de genio alegre e obsequiador, muito correcto no vestir, muito escrupuloso no trato do bigode e do cabelo. emerito conquistador do belo sexo e devotadissimo amante das coisas da igreja: duas predilecções um pouco antinomicas para os beatificos animos vulgares, mas que o comendador conciliava bem com a propria letra dos textos biblicos.

O pai—um remediado lavrador das filoxeradas regiões durienses, empenhado em continuar uma serie de santos varões que de longe vinham radicados na familia, quiz fazel-o padre; mas o rapaz, de cabeça rebelde á lei caprichosa dos verbos latinos, lá gastou pelo Porto o melhor da sua mocidade, mais em esturdias de libertino que em applicações estudiosas de seminarista, e nada mais era que um cabula mór quando simultaneamente o veio surpreender a morte do pai e de um tio rico que tinha no Pará, legando-lhe este o melhor da sua fortuna.

Voltou presto á terra da sua naturalidade. Fez-se comendador da ordem de Cristo, influente politico, provedor das irmandades locais, protector do culto da igreja matriz, frequentador de missas, terços e novenas, ouvinte constante de todas as praticas, sermões e *te-deums*...

—Que santo homem, dizia o beaterio indigena!

E ninguem reparava que o comendador Floriano tivesse a mais a devoção profana das aventuras cupidescas!

II

—Oh Floriano—dizia-lhe uma vez o farmaceutico da terra seu companheiro d'estudos no liceu do Porto,—quem te não conhecer como eu julgar-te-ha o maior santarrão deste mundo.

—Porque?

—Pois tu, que tens no sexto mandamento o mais grave sudario de pecados, com a agravante de desgraçares as mães e abandonares os filhos...

—Ora adeus—atalhou o comendador com um sorriso cético—Deus disse: *crecite et multiplicamini*, e nada mais.

Orações do amor

*Passai na tua rua. Quasi morta
ia minha alma, — triste mocidade!
e, nessa hora fatal, á tua porta
eu deixei a anciedade.*

*Quiz ver se a resgatava; esta vivez
opprimia de dor meu coração;
porem, passando alli mais uma vez,
eu deixei a illusão.*

*Voltei ainda. O amor dos meus vint'annos
Obrigou-me a partir; mas, n'esse dia,
vi rirem-se de mim os Desenganos,
e eu deixei a Alegria.*

*Hoje, se, por desgraça,
tenho a passar por esse chão funereo,
sinto medo e horror, como quem passa
de noite um cemiterio!*

ANTONIO FOGAÇA.

—E aquela pobre rapariga do Porto, a Rosa; não te lembras dessa com remorsos?

—Foi uma idiota—que culpa tenho eu das tolices alheias?

—Mas, homem, tornava-lhe o farmaceutico revoltado contra aquele cinismo—não esperas prestar contas a Deus da tua alma?

—Qual Deus nem qual alma: *je n'ai pas besoin de cette hypothese*...

—Assim respondeu a Napoleão o materialista Laplace—completou o farmaceutico—, mas esse ao menos era coerente; agora tu, um homem que não crê em Deus nem na immortalidade da alma, e sempre metido pelas igrejas aparentando tanta devoção pelas coisas santas!

—Pois então, homem, é preciso saber viver, preciso salvar as apparencias para não escandalisar a sociedade—concluiu sentenciosamente o comendador.

E desta vez riram os dois amigos conjuntamente: um de cinismo, o outro de tedio e compaixão.

III

Uma noite, num jantar de familia dado pelo dr. Galeno, reuniram-se em casa deste medico alguns dos seus amigos, entre os quais estava o comendador e o farmaceutico.

Ao café os convidados recolheram-se ao gabinete de trabalho do facultativo, convertido *ad hoc* em sala de fumar, e aí lhes foram oferecidos charutos artisticamente metidos em orificios abertos na abobada craneana de uma caveira.

—Olá!—comenta um dos convidados—; é natural ou artificial, doutor?

—Natural, naturalissima— respondeu o medico. E explicou logo:

—Esta caveira é duma mulher, e duma mulher nova e bonita, acrescentou. Foi de um cadaver distribuido ao curso do meu 2.º ano para estudos de osteologia; coube-me a mim a caveira que, como veem, ainda hoje conservo.

—E essa mulher— perguntou alguém do grupo interpretando a geral curiosidade— era alguma desgraçada, morta no hospital; não é isso?

—Não, contestou o medico. Era efectivamente uma desgraçada mas não morreu no hospital:—suicidou-se por ter sido deshonrada e traída pelo amante, atirando-se á rua do terceiro andar de uma casa da rua Escura, no Porto.

—Em que ano foi isso, doutor?—perguntou vivamente agitado o comendador Floriano.

—Foi... foi em 1886—disse o medico depois de calcular um pouco.

O comendador empalideceu muito e deixou maquinalmente cair o charuto.

IV

—Que tens tu?—perguntava-lhe dai a pouco o farmaceutico vendo o seu amigo visivelmente incomodado do espirito e alquebrado do corpo.

—Pois não ouviste?

—O que?

O comendador por unica resposta levou o seu amigo ao gabinete do medico, agora vazio, e apontando-lhe para a caveira, ainda colocada sobre a mesa, disse ao farmaceutico, num tom de voz cava, e sacudido por uma comoção nervosa:

—E' dela, é a caveira da Rosa!...

V

Quedaram-se os dois a fitar por instantes aquele sinistro despojo da morte, depois o farmaceutico tomou do braço do amigo que desfalecia:

—Vamos embora, disse-lhe, e nunca mais digas que a existencia de Deus é uma hipotese: a justiça divina, que está ali, deixa presupor a existencia de um juiz.

Sousa Fernandes.

VIDA EXTINTA

Aquela senhora dos olhos belos que toda a tarde de outono se entregou ás minhas caricias sedentas, era um ser estranho de magia e encanto, que ainda hoje evoco na solidão constante do meu quarto, onde em jarras esguias desmaiam e morrem flôres.

Toda essa tarde a mocidade do seu corpo me fez vibrar de entusiasmo, e a variada psicologia da sua vida trouxe á minha sensibilidade e curiosidade, horas enormes de prazer e tédio.

Encontrei-a, um instante, ao voltar duma rua por um dia cinzento; e logo a frescura do seu corpo moço, donde se erguiam louçainhas de viço, e a fugidia esbelteza do seu porte esguio,

alvorocaram a sentimentalidade do meu espirito, e acicataram os meus sentidos desejosos de fruírem tal bem.

E porque os seus olhos poisassem um momento no meu olhar, vá de acender mais em mim a imperiosa vontade de a sentir arfar nos meus braços de forte, de sentir o seu corpo de madama prender-me ao encantamento da carne morena.

Assim me apareceu ella, a senhora dos olhos belos, por aquella tarde dum cinzento baço, para logo desaparecer.

Muitos dias volveram sem que eu voltasse a encontra-la, sem que, ainda por momentos, o seu perfil se erguesse ante mim, os seus olhos estranhos de encanto encontrassem os meus. E todo eu vibrava a cada nova lembrança do seu corpo, na ansiedade de não saber onde acha-la, de não poder colher na sua boca os sorrisos esquecidos de tristeza, as cerejas vermelhas dos seus labios.

Como porem uma noite eu entrei num restaurante, ahí a deparei ao lado dum velhote anafado e calvo, o mesmo sorriso longinquo de incerteza e misterio nos labios, a mesma tez morena, mais acariciadora ainda á luz das lampadas electricas, que a vestiam de côr.

E porque um momento deixasse cair sobre mim o seu olhar velado e caricioso, não pude resistir ao desejo de tentar falar-lhe.

Data dessa noite o nosso conhecimento, que me fez, preso do seu encanto e magia, viver horas inolvidaveis por aquella tarde de outono, em que o seu corpo de Sulamite se me entregou, frememente de luxuria, na pobre solidão do meu quarto.

Agora mesmo a estou vendo no rebordo daquela poltrona vermelha desennastrar com uma graça infinita os seus cabelos fulvos, para depois se erguer, braços ao alto, numa postura imensa de beleza, recordando a perfeição duma estatua antiga a que tivessem insuflado vida.

E logo a sua voz de veludo, coada pela fieira dos dentes perolados, cresceu para mim, me envolveu, me afagou volutuosamente, deixando-me n'alma um sabor esquisito a ternura e misterio.

Ainda hoje recordo a singular impressão de espanto que as suas palavras veladas me causaram, sem um murmurio, uma imprecação, contra a vida.

Porque partiu para sempre, como não mais torno a vê-la, estou seguro disso, maior é a saudade por essa a que, com razão, chamava a dona dos olhos belos.

As horas inolvidaveis daquela tarde outonal! Sinto as reviver dentro em mim, como um eco longinquo, como um perfume gratissimo.

Tenho ainda nos labios o sabor aromatico da sua pele de fada, no olhar a recordação dos seus olhos adormecidos.

Ao beija-los parecia-me beijar um sonho distante, uma ilusão

perdida. Havia neles os mais variados cambiantes, desde o azul turqueza das noites frias, á poalha d'ouro duma tarde estival.

E ao senti-los adormecidos nos meus, as horas pareceram instantes, vividos febrilmente.

Todos esses momentos a sua voz, como um fiosinho d'agua corrente, me acariciou, me afagou, me amarfanhou. E ainda hoje a recordação dela é o meu mais grato motivo de viver.

O dia vinha morrendo.

Tapetava-se de sombras o quarto. Cinzas de luz escorriam pelas paredes.

Vejo-a agora, como então, levantar-se, entrançar os cabelos, volver para mim os olhos belos, lançar-me o ultimo beijo nas pontas dos dedos roseos e num gesto rapido sair.

Por mais que a procurasse não voltei a encontra-la. Desespereime, vivi horas de tortura. Mas como o tempo tudo apaga, o desespero esbateu-se, a tortura tornou-se menor. Hoje tenho uma saudade branda e imprecisa pela senhora dos olhos belos, que me fez viver horas de prazer e tédio por uma tarde de outono, em que o seu corpo de morena se entregou aos meus braços de forte.

M M.

Mesa Censória

O leitor não se recorda dela? Nem eu. Foi-se com o absolutismo não sei para onde, e voltou agora muito lépida, em *travesti* vulgar, a julgar dos nossos dizeres— não vá a Patria perigar com as revelações extraordinarias que os nossos modestissimos jornais de provincia possam trazer a publico.

A Mesa Censória! Mas é tal qual essa antiga corporação cujo mister consistia em examinar oficialmente os manuscritos destinados á publicidade e manifestar-se ácerca da conveniência ou inconveniência dessa publicação. A Mesa Censória num periodo de tempo que foi alem de dois seculos, praticou muita barbaridade: foram mutilados preciosos especimens da literatura da época; deixaram de publicar-se valiosos tratados filosoficos e sciêntificos; amordaçou-se o Pensamento, e a Critica imparcial foi degradada para as «galés da história», levando uma rolha na boca por causa das inconfidências.

Fui daqueles poucos que li o ultimo artigo do *Carado*— «*Expolições*», que a censura na sua alta e criteriosa comprehensão não deixou passar.

Estou eu aqui a dizer agora aos meus botões: mas porque diabo não passou aquilo? E não acerto confesso. A minha ignorancia neste ponto é manifesta. No artigo *expolições*, que o Hilario Barreiros assinava, e de que, portanto, tomava inteira responsabilidade, não havia uma unica

referencia ao *casus belli*; não se discutia o valor das nossas forças de terra e mar; não se tagarelava ácerca das mil-e-uma-coisas da guerra; e nem sequer se dizia lá que não tinhamos munições para dois dias de fogo espaçado.

Simplemente isto, que na «nuidez fria da Verdade», tanto feriu a retina dos illustres desembargadores da Mesa Censória barcelense: O povo tem fome; os grandes comerciantes expoliam o povo». Só isto? Só isto. Quer dizer: era esta a tese que Hilario Barreiros criteriosamente explanava com elevação, com calor e certo entusiasmo, na ansia manifesta de detender o Povo, porque o *Carado* é um baluarte de defeza para os oprimidos—sentindo-se o seu director muito bem ao lado dos que carecem de auxilio.

Não me parece rasoavel isto.

Entende o Estado que proibindo os jornais de falar acerca de subsistencias engasupa o povo? Fraquissimo raciocinio. Infelizmente o estomago dos pobres não digere os córtes da censura, nem pode alimentar-se de illusões perdidas.

Péde-se pão. Estudem-se os meios de dar de comer a quem tem fome e deixe-se a censura para noticias de ordem estratégica.

Então sim. Terá o nosso franco aplauso, porque tratando-se de patriotismo não ha duas opiniões divergentes: um por todos e todos por um. E o jornalista deve ser o primeiro a evitar inconfidências tendenciosas.

A Patria periga? Demos-lhe então o nosso tributo de sangue e todos os portuguezes serão soldados.

Em vez de censura para os jornais—censura e fiscalisação para os que engordam com o suor do povo.

Esta é a boa doutrina, diga embora a censura que é o germen das rebeliões e a causa das desgraças futuras.

Manuel Boaventura.

CRITICA BARATA

Dado o caminho que as coisas estão seguindo, eu não posso perceber porque o governo preferiu para as tais comissões de censura, os militares reformados! Ou os julgou, como é natural, mais aptos que ninguem para cortar prosa a golpes de espada, ou os quiz comprometer na sua independente e trabalhosa vida de em casa receberem o soldo sem mais embaraços que os de uma assinatura.

Pois não seria muito melhor escolher para este espenhoso cargo os merceeiros graduados de cada terra? Eu penso assim.

Se o tempo que vai correndo é para pagar e não hufar, se só em casa, á porta fechada e sem que os creados ouçam, nos podemos lamentar do aumento dos preços dos generos, porque, desde logo, não foram nomeados os merceeiros para censores?

Esta escolha traria a grande vantagem de sermos expoliados ainda mais, sem que ninguem o soubesse, pois que além dos preços favoraveis que nos fariam, podiam ainda em cada kilo aliviar o freguez em duzentas gramas, pelo menos.

E, neste caso, para quem apelar se eles proprios exercessem a censura?

Correm maus os tempos? Não, pelo

contrario! O povo diverte-se, faz pro-
cessões, mata o Cristo em effigie por o
não poder apanhar em carne e osso como
dantes, prepara o foliar para o paroco e
vira a labita indifferente á ganancia do
tubarão bacalhoeiro.

Ah! Bom povo, santo povo, como tu
serias heroico sem expores o peito ás
balas, sem te indignares, sem mesmo te
alterares, se perante a mercearia fizesses
uma grêve duradoura e pacifica, remedia-
do-te com os productos dos teus campos e
esquecendo-te por completo da existencia
do bacalhau, do arroz e de todas essas
coisas que te levam a pele e enganam o
estomago. Verias como ao fim de pouco
tempo os generos desciriam cincoenta por
cento, e, no peso, o prato da balança
tocaria o balcão.

Eu sei que isso te seria custoso, mas
crê que a vitoria seria tua.

De outra forma nada conseguirás.

Paga e não bufes. A patria está amea-
çada pela *kultura alemã*.

Para a salvar já se fizeram centenas de
cortejos civicos com outros tantos milhares
de discursos que de nós vieram afastar os
perigos de maior! Agora, para que de
todo a guerra se afaste, é preciso que ven-
das barato o teu milho e compres caro o
bacalhau! Não te queixes, não te revol-
tes, senão está tudo perdido.

Nada de lamentações; mete-te em casa
e nem ás galinhas digas que compraste
por dez o que podias adquirir por dois.

Quanto a mim não te amofines. Eu,
com tamanhas dificuldades de vida, ainda
hei-de ver se arranjo um kiosque onde
venda generos de mercearia, se não puder
pertencer a uma comissão de censura.

Antonio Cardoso.

PERGUNTA-SE!

Porque não se pôz ainda em vigôr a ta-
bela de preços para os generos de mercearia?

Porque se vende milho só em determi-
nados dias e só quando esteja presente o
snr. administrador?

Porque se não procede á limpeza das
ruas a horas convenientes, logo de madru-
gada?

Porque se deita entulho no Campo de S.
José para aterrar o lago, estando este ain-
da por desfazer?

Porque não quer a comissão de censura
que se fale do preço dos generos?!

Noticiario

A grande guerra

Por motivos imperiosos fica temporaria-
mente interrompida a publicação do estudo
que, sobre a actual conflagração, algum com
subida competencia e reconhecido merito no
nosso meio, vinha gentilmente escrevendo
para o nosso jornal.

Sentindo profundamente a ausencia de tão
distinto e brilhante colaborador, acalentamos
contudo a esperanza de, novamente e em
breve, o vermos continuar a abrilhantar as
colunas de «O Cavado», para nosso orgulho
e satisfação dos nossos leitores.

A favor da instrução

(Importante subsidio)

Pelo ministerio da instrução, a pedido do
ilustre deputado por este circulo, sr. Simas
Machado, foi cedido á freguesia de S. Pedro
d'Alvito, deste concelho, o subsidio de 1.500
escudos, para creação duma escola.

E' mais um favor a ajuntar aos muitos que
este concelho deve ao nosso devotado amigo
sr. Simas Machado, que, como deputado por
Barcelos, tem sido incansavel na realisacão
dos pedidos que o seu circulo lhe tem feito.

Congratulamo-nos imenso com tão valioso
auxilio dispensado ao nosso concelho, pelo
ilustre parlamentar, certos de que o seu
povo saberá ser reconhecido ao seu dedi-
cado representante em côrtes.

Dr. Antonio Baltasar

Encontra-se entre nós a gosar
as festas da Paschoa com sua
ex.^{ma} esposa, o sr. dr. Antonio
Baltasar Pereira, estimado patri-
cio e distinto delegado do Procu-
radôr da Republica na ilha de
Santa Maria.

Gil Vicente

A empreza cinematografica dá-
nos hoje um verdadeiro especta-
culo, com fitas de grande successo
e com a apresentação do consa-
grado artista prestidigitador José
Avelino.

Francisco Caravana

Encontra-se entre nós, em gôso de fe-
rias e a aspirar este bom ar minhoto, o
nosso simpatico patricio e dedicado amigo,
sr. Francisco Caravana.

Permita-nos o distinto academico militar
que o abraçemos, pela brilhantissima car-
reira que tem feito com as suas superiores
qualidades de inteligencia.

Vida militar

Pela ultima ordem do Exercito foram pro-
movidos a alferes e colocados em infantaria
29, os sargentos ajudantes, srs. João Hermi-
nio Barbosa e Manuel de Freitas.

Foram colocados no nosso batalhão os
1.^{os} sargentos de infantaria 29, srs. Francis-
co Cardoso e Silva e Manuel Casimiro de
Faria Vasconcelos.

Foi tambem aqui colocado o alferes de in-
fantaria 29, sr. Virgilio do Bom Sucesso
Ribeiro.

Passou a infantaria 29, o 1.^o sargento do
nosso batalhão, sr. Antonio Gonçalves.

Academia de Ciências de Portugal

Do nosso presado amigo e dis-
tincto colaborador sr. Julio de Le-
mos, recebemos a seguinte circular,
que passamos a transcrever.

E' digna do maior elogio e
aplauso a obra que aquela acade-
mia se propõe a realisar, e para a
qual contribuiremos, opurtuna-
mente, na medida do nosso es-
forço:

Ex.^{mo} Senhor

Está a Academia de Ciências de Portu-
gal, como uma das corporações officias a
quem especialmente incumbe o estudo e
conservação da lingua patria, empenhada
na colheita e inventariacão dos vocabulos
peculiares ás diversas regiões do nosso
país, para assim se completar, quanto
possivel, o léxico portuguez e determinar
a respectiva sinonimia.

Dirigiu-se, para o effeito, em Maio do
ano findo, ao professorado e ao clero, a
solicitar a colaboração destas duas classes,
e forneceu-lhes até o plano da investiga-
ção vocabular, elaborado com notavel pe-
ricia pelo ilustre académico sr. O'scar de
Pratt, que com tamanho fervor cultiva tais
estudos.

Ou por falta de estimulo, ou por errada
compreensão do espirito da circular da in-
signe colectividade scientifica, uma boa par-
te dos membros daquelas classes não cor-
respondeu ainda ao apêlo da Academia,
pelo que esta, em sessão de 12 de Janeiro
último, deliberou recorrer ao auxilio de ou-
tras entidades que possam contribuir para
obra de tanto alcance com qualquer esfor-
ço, por somenos que pareça.

Cometeu, por isso, aos académicos resi-
dentes na provincia o encargo de promo-
verem a necessária propaganda nesse sen-
tido—e, assim, por officio de 15 do cor-
rente, sou, pelo Ex.^{mo} Secretário Perpetuo
da Academia, encarregado de realisar aqui,
no distrito de Viana, um tal designio.

Reconheço a minha incompetência para

tam honrosa quam melindrosa tarefa. Mas
se essa me falece, não me falta, todavia,
a vontade de ser útil á benemérita corpo-
ração e o desejo de prestar ao belo e caro
idioma que falamos o carinhoso desvelo que
êle reclama de todos os corações portugue-
ses. Sobretudo me encoraja nesta empre-
sa a confiança no patriotismo dos meus
conciudadãos, agora tam eloquentemente de-
monstrado na sua serena e nobre attitude
perante os eventos da guerra.

Nestes termos, ousou rogar a V. Ex.^a o
precioso favor da sua intelligente coopera-
ção no empreendimento que a Academia in-
tenta levar a cabo, para o que bastará se
digne obter e remeter-me quaisquer palavras
da linguagem popular ou familiar que não
estejam ainda registadas nos dicionários, ou
que o estejam com acepção diversa, devendo
reproduzir exactamente a respectiva pronun-
cia e anotar a sua significação e o local
onde foi ouvida.

Tenho a honra de apresentar a V. Ex.^a
a antecipada expressão do meu agradeci-
mento.

Saude e Fraternidade.

Viana-do-Castelo, 27 de Março de 1916.

Julio de Lemos.

Mercearia Brazil

O sr. Antonio Pereira Martins
acaba de abrir um completo esta-
belecimento de mercearia e depo-
sito de cera, ao Campo da Re-
publica

Muitas prosperidades.

Providencias

E' absolutamente necessario que a digna
autoridade administrativa providencie sobre
as continuas e desenfreadas correrias, a que
certos amadores do cyclismo são mui dados.

Nos dias de feira, então, constitue isso um
verdadeiro perigo.

Não pôde cada um de nós estar sujeito ao
risco de ser atropelado por um gracioso que
se entretenha a faser das ruas da vila pista
de corridas.

Ha dias uma creança, néta do nosso bom
amigo sr. Domingos de Miranda, foi vitima
dum atropelamento, sem graves consequen-
cias é certo.

Na ultima quinta-feira, ali perto do Café
do Teatro, estivemos tambem em risco de
sermos atropelado por uma motocycleta.

E' necessario, pois, acabar com semelhan-
te desafôro desportivo, e á digna autoridade
administrativa compete providenciar rapida e
inergicamente sobre o caso.

Notas da semana

Aniversarios natalicios.

Passam:

Amanhã, o da ex.^{ma} snr.^a D. Maria do
Carmo Lopes de Faria.

No dia 30, o do sr. Domingos de Fi-
gueiredo.

Estiveram:

No Porto: a ex.^{ma} sr.^a D. Alice de Ma-
cedo Faria Gajo e os srs. dr. João Cardo-
so d'Albuquerque, Domingos José de Mi-
randa, dr. Porfirio Antonio da Silva, Julio
Cesar Valongo e Sousa e Gaspar Fer-
reira de Macedo Faria Gajo.

Em Braga: o sr. José Joaquim da Silva
e Antero Barreto de Faria.

Em Famalicão: o sr. João José Martins.

Em Guimarães: os srs. dr. José Julio
Vieira Ramos, Miguel Martinho de Faria,
João Carlos Vieira Ramos e Pedro da Cos-
ta Vasconcelos.

Em Barcelos: os srs. dr. Manoel Pais de
Vilas Boas, Antonio Fiusa de Melo, Jorge
Azevedo, Eugenio Roriz d'Azevedo, Jero-
nimo Monteiro, Joaquim da Silva Campos,
Gualter Martins e Adolfo Garcia.

Partiram

Para Lisboa: o sr. Julio Mendes da Ro-
cha Diniz, ilustre escrivão de direito, a gos-
sar as ferias da pascoa com sua ex.^{ma} familia.

Para o Porto: o sr. Antonio da Rocha
Diniz.

Enfermos:

Passou mal de saude, tendo entrado em
franca convalescência, o sr. dr. José da Sil-
va Monteiro, integro Juiz de Direito desta
comarca

—Tambem esteve doente o nosso distin-
to colaborador e presado amigo sr. dr. Mi-
guel Monteiro.

—Continua enferma a ex.^{ma} sr.^a D. Te-
resa das Dores Faria Duarte.

—Encontra-se quasi restabelecido dos
seus encomodos, com o que muito folga-
mos, o sr. David de Sousa Caravana, inte-
ligente contador ajudante da nossa co-
marca.

—Tem passado mal de saude o sr. João
Rodrigues de Faria, estremoso pai do sr.
Humberto de Faria, nosso colega do «Bar-
celense».

Batisado

Realizou-se no ultimo domingo o batisa-
do de uma filhinha do nosso dedicado ami-
go, sr. Antonio Julio de Castro, emprega-
do superior da fabrica de serração.

A neofita recebeu o nome de Maria Ju-
lia Furtado de Castro, tendo sido padri-
nhos a ex.^{ma} sr.^a D. Julia Pereira e o sr.
D. José Domenech.

Falecimento:

Na freguesia de Roriz, faleceu o sr. pa-
dre Domingos Francisco Barbosa Granja,
paroco de S. Verissimo do Tamel.

Os nossos pesames á familia do finado.

ANUNCIOS

Editos de 30 dias

2.^a PUBLICAÇÃO

Pelo Juizo de Direito, da
comarca de Barcelos, e car-
torio do escrivão do 5.^o ofi-
cio,—Rocha Diniz, nos au-
tos de inventario orfanolo-
gico, por obito de Marga-
rida da Costa, viuva, de
Antonio Francisco da Sil-
va, moradora que foi no
logar Rua Nova, freguesia
de Santa Leocadia de Pe-
dra Furada, da mesma co-
marca, no qual é inventa-
riante o filho Joaquim Fran-
cisco da Silva, casado, la-
vrador, morador no dito
logar e freguesia, correm
éditos de trinta dias, a con-
tar da segunda publicação
deste anuncio no Diario do
Governo, a citar o coher-
deiro filho auzente em par-
te incerta dos Estados Uni-
dos do Brasil, Inacio Fran-
cisco da Silva, solteiro, mar-
or, afim de na dita qualidade
de herdeiro, assistir a to-
dos os termos até final do
referido inventario, ou cons-
tituir advogado ou procura-
dor na sede da comarca,
que o represente, sob pena
de revelia, e do regular an-
damento do mesmo inventa-
tario até final conclusão.

Barcelos, 28 Março de
1916.

Verifiquei a exactidão.

O Juiz de Direito,

Monteiro.

O escrivão do processo,

Julio Mendes da Rocha Diniz.

Domingos de Figueiredo

ADVOGADO

Rua Direita

BARCELOS

CENTRO DE NOVIDADES



Fernando Miranda & Irmão

134—RUA D. ANTONIO BARROSO—140 — BARCELOS

Papelaria e objectos de escritorio:—Papeis e envelopes de todas as qualidades. Sortido completo em todos os artigos. Livros em branco e riscados.

Livraria:—Romances, contos, literatura, etc. Obras sobre religião, arte, jurisprudencia, etc. Revistas e jornais illustrados. Assinatura permanente de qualquer obra. Livros escolares.

Tabacaria:—Tabacos nacionais e estrangeiros. Boquilhas, cigarreiras, bolsas, etc. Isqueiros e pedras para os mesmos.

Perfumarias:—Sabonetes de todas as qualidades, perfumes, loções, pasta dentifrica, escovas, pentes, espelhos, etc. Agua de colonia a retalho.

Postais illustrados:—Sempre as ultimas novidades, em todos os generos. Alburns para postais. Cromos.

Tipografia e encadernação:—Todos os trabalhos tipograficos—cartões de visita e de luto, rotulos, facturas, envelopes, recibos, relatorios, anuncios, etc. Impressões a cores. Impressos

para os srs. Notarios, Escrivães de Direito, Professores, Juntas, Confrarias, Regedores, e particulares, etc. Encadernações, pastas, cartazes, etc.

Artigos diversos:—Loteria, Cordas para instrumentos, Cartas de jogar, Carimbos de borracha, Carteiras, bolsas, etc., etc.

Generos especiais de alimentação:—Chá e café, Cacao, chocolate, farinha Nestlé, maizena e outras, rebuçados, etc. Vinho sem alcool. Aguas minerais. Cerveja.

Preços sem competencia.

PEÇAM O JORNAL-RECLAMO, DISTRIBUIDO GRATUITAMENTE.

Sempre novidades.

Companhia de Seguros «BONANÇA» Fundada em 1808

CAPITAL RS. 1.568:000\$000

FUNDOS DE RESERVA RS. 305:408\$000

SEGUROS MARITIMOS, TERRESTRES E AGRICOLAS

O agente em BARCELOS:

Gaspar Ferreira de Macedo Faria Gayo

Rio de Janeiro

PROCURATORIO

Ernesto Gomes de Castro, rua Visconde de Inhauma, n.º 52, Rio de Janeiro, encarrega-se—com todo o zelo e mediante comissões modicas—de receber e fazer PRONTA REMESSA de rendas de casas, juros, dividendos e amortisações de quaisquer titulos, pagaveis naquela capital.

Tambem se encarrega de mandar fazer nos predios os concertos necessarios, fiscalisa-los, pagar impostos, etc.

Informações no Rio de Janeiro: com qualquer banco da praça ou com as importantes casas Gomes de Castro & C.ª e João Reynaldo, Coutinho & C.ª; em Portugal: no Porto com os Srs. Pinto da Fonseca & Irmão, e nesta vila com o Sr. Miguel Martinho de Faria.

“Padaria Maria Antonia,”

BARCELOS

O seu novo proprietario acaba de ampliar o seu estabelecimento, com secção de confeitaria, sortido se de especialissimos vinhos maduros, conservas de toda a qualidade, finissimo queijo da Serra da Estrela, bolacha nacional e estrangeira, farinhas, massas etc.

Seriedade e modicidade de preços.

NOVO ESTABELECIMENTO COMERCIAL

DE

COSTA & VASCONCELOS

Rua D. Antonio Barroso

Rua Barjona de Freitas

BARCELOS

Grande sortimento de artigos para senhora.
Veludos inglezes e nacionais, sedas de cor e pretas lavradas para vestidos e blusas.
Chales de malha, Espartilhos, Agasalhos.
Flanelas, chitas, chales, cachenes, morins, panos crus, etc.
Esplendido sortido de flanelas nacionais e inglezas, tudo para fatos de homem.
Casimiras de cor, diagonais, picotinhos e cheviotes.
Padrões da maior novidade para fatos e sobretudos.

MIUDEZAS

Camisaria, Gravataria, Chapeus e Guardasoes.

Os Milhões do Criminoso

Interessantissimo romance
do popular escritor francez

Xavier de Montépin

2.ª EDIÇÃO

Famoso romance, que a casa editora Belem & C.ª Succ., tem em principio de publicação, por assignatura, impresso em papel superior, e ornado de finissimas estampas francezas.

- 1.ª parte—O incendiario.
- 2.ª parte—O grande industrial.
- 3.ª parte—A luz da verdade.

Tomos de 10 folhas de 8 paginas 100 reis.

Cadernetas de 2 folhas de 8 paginas 20 reis.

Brinde aos assignantes.

A TENTADORA

Nova Merceria e Papelaria

DE

JOAQUIM VIEIRA DA COSTA

Rua D. Antonio Barroso, 64. 66 — BARCELOS

Neste estabelecimento montado nas melhores condições, encontrarão sempre os estimados freguezes grande sortido de chá, café, arroz, assucar, bacalhau, azeite, e massas de superior qualidade.

Bolacha fina e biscoitos de Valongo e Povoá.

Seriedade de preços!

Visitem este estabelecimento!

BAZAR DO POVO

DE

ARNALDO TORRES

Rua do Infante D. Henrique, 45 a 53 — BARCELOS

Neste estabelecimento encontra-se um completo sortido de camisaria, luvaria, e gravataria. Artigos de caça, papelaria e tabacos. Cambios, letras, selos, e papel selado.

Correspondente de todas as Companhias de Navegação para o Brasil, Africa e America do Norte.

Modicidade de Preços.